

OS LIVROS-ALFABETO E AS SUAS POTENCIALIDADES NA PROMOÇÃO DE UMA COMPETÊNCIA “LECTO-LITERÁRIA”

THE ALPHABET BOOKS AND THEIR POTENTIALITIES IN THE PROMOTION OF A “LECTURE-LITERARY” COMPETENCE

Sara Raquel Duarte Reis da Silva^{1}*

RESUMO

Integrando a categoria do livro-álbum, os livros-alfabeto ou abecedários (“alphabet books” ou “ABC books”) representam uma das categorias mais antigas de livro infantil. Apresentam as letras do alfabeto, fazendo-as corresponder a palavras e/ou imagens. Em certos casos, são compostos por letras maiúsculas e as correspondentes minúsculas, palavras-chave iniciadas com letras específicas ou ilustrações de palavras-chave. Podem, ainda, possuir frases ou parágrafos de índole literária ou serem de teor não literário. Actualmente, estes livros evidenciam uma pluralidade de forma(tos) gráficos e verbo-icónicos. Autores reconhecidos, como Munari (1907-1998), em *ABC* (1960), e Sendak (1928-2012), em *Alligators All Around* (1962), dedicaram-se aos livros-alfabeto. Na literatura portuguesa para a infância, além de títulos assinados por nomes consagrados, como Ducla Soares (1939) ou Letria (Cascais, 1951), com *ABC* (1998) e *Alfabeto dos Bichos* (2005), respectivamente, destacam-se volumes recentes que testemunham novas fórmulas expressivas. Veja-se, a este propósito, *ABZZZZ...*, de Isabel Minhós Martins (texto) e Yara Kono (ilustrações) (2014), e *Hoje Sinto-me...*, de Madalena Moniz (2014). Pretendemos reflectir acerca das potencialidades deste livro, objecto tradicionalmente conotado com a didáctica, enquanto meio facilitador de aprendizagem das letras, mas que, presentemente, permite igualmente uma leitura que envolve outros conceitos no domínio da construção ideotemática e literária ou artística.

Palavras-chave: Literatura infantil. Livro-álbum. Livros-alfabeto. Competência “lecto-literária”.

1 Doutora em Literatura para a Infância. Professora Auxiliar do Departamento de Estudos Integrados de Literacia, Didáctica e Supervisão da Universidade do Minho, Instituto de Educação, Departamento de Ciências Sociais da Educação. Investigadora efetiva do Centro de Investigação em Estudos da Criança. Membro nato da RED LIJMI.



ABSTRACT

Integrating the category of picturebooks, the alphabet books or “ABC books” represent one of the oldest categories of children’s book. They present the letters of the alphabet, making them correspond to words and/or images. In some cases, they are composed of uppercase letters and the corresponding lowercase letters, keywords that begin with specific letters, or illustrations of keywords. They may also have phrases or paragraphs of literary nature or are non-literary. Currently, these books show a plurality of graphical and verbo-iconic forms. Well-known authors such as Munari (1907-1998), with *ABC* (1960), and Sendak (1928-2012), with *Alligators All Around* (1962), devoted themselves to alphabet books. In Portuguese children’s literature, in addition to titles signed by renowned authors, such as Ducla Soares (1939) or Letria (Cascais, 1951), with *ABC* (1998) and *Alfabeto dos Bichos* (2005), respectively, there are some objects with new expressive formulas. Take, for instance, *ABZZZZ...*, by Isabel Minhós Martins and Yara Kono (2014), and *Hoje Sinto-me...*, by Madalena Moniz (2014). We intend to reflect on the potential of these books, objects traditionally connoted with didactics, as means of facilitating the learning of letters, but which, in the present, also allow a reading that involves other concepts in the field of ideothematic and literary or artistic construction.

Keywords: Children’s literature. Picturebook. Alphabet books. “Lecture-literary” competence.

1. Nota introdutória

Sistema literário reconhecidamente criativo, em visível expansão e muito experimental, tanto no que concerne à componente verbal, como no que diz respeito ao domínio visual e/ou gráfico, a escrita e/ou a edição de potencial recepção infantil integra objectos estéticos tão diversos como os que se situam nos três modos seminais da literatura (a narrativa, a lírica e o drama) e em muitos dos seus respectivos géneros e subgéneros (como o conto de autor, ilustrado ou em forma(to) de álbum narrativo, por exemplo), ou como aqueles que ostentam uma configuração híbrida e de tipificação, por vezes, complexa, como sucede, por exemplo, com os abecedários ou os livros-alfabeto e os numerários literários. Neste estudo, centraremos a nossa atenção no livro-alfabeto, objecto que integra a categoria do livro-álbum e que representa uma das categorias mais antigas de livro para a infância.

2. Para uma definição/caracterização do livro-alfabeto

Consensualmente entendida como um processo lento, sujeito a uma progressão complexa e dependente de competências cognitivas e linguísticas de cada indivíduo, correlacionadas com as capacidades de descodificação e codificação, a aprendizagem da leitura tem sido alvo de relevantes estudos. Estes têm possibilitado concluir que, numa primeira instância e regra geral, este processo passa pelo conhecimento e nomeação das letras do abecedário, sendo este apontado como factor preditivo de uma mais fácil interacção com a linguagem escrita e com uma série de conceitos que dizem respeito à literacia (Whitehurst; Lonigan, 1998, 2001). O incremento da consciência fonológica e o desenvolvimento de um léxico alargado, essenciais à aprendizagem da leitura (CARVALHO & TOMÉ, 2014), passam pela interacção fruitiva e

afetuosa com a linguagem escrita e com a linguagem oral, não a cingindo, portanto, a um ensino explícito (Viana *et al.*, 2014) e/ou formal.

Neste sentido, na primeira infância, encerram uma função determinante livros como os abecedários, dada a componente visual que os caracteriza (lembramos que, como se sabe, a leitura visual precede a leitura verbal/código escrito) e, mais especificamente, a apresentação verbo-icónica que ostentam, baseada essencialmente, e na sua formulação mais tradicional (chamemos-lhe assim), na apresentação de cada letra associada a uma figura ou uma ilustração, que sugere um nome iniciado pela letra que se quer introduzir ou ensinar. Os livros-alfabeto são, pois, fundamentais no processo de aquisição do princípio alfabético e de conceitos sobre a escrita, auxiliando o desenvolvimento da consciência fonológica e o conhecimento das relações entre letras/grafemas e sons/fonemas. Com efeito, se atendermos ao essencial dos métodos sintéticos de aprendizagem da leitura, ou seja, a aquisição da leitura partindo de letras (processo alfabético ou ABC ou soletração antiga), assinalamos, como primeira etapa, a leitura da letra, a partir da visão e reconhecimento da forma, a emissão do som e a reprodução gráfica da forma.

Além das potencialidades formativas enunciadas, e sendo actualmente compostos, em muitos casos, por textos literários, os livros-alfabeto possibilitam, ainda, o fomento de competências como a inferência, a identificação de elementos/categorias inerentes a uma narrativa (como personagens, acção, sequencialização, tempo, espaço, entre outros), o reconto, o contacto com textos poéticos, muitas vezes, apresentados em formato de álbum poético (SILVA, 2010), entre outras.

O livro-abecedário, apelativo objecto artístico – porque associa a literatura, a ilustração e, frequentemente, um especial grafismo ou *design* –, na contemporaneidade, textual e visualmente muito diverso, evidenciando, por vezes uma especial complexidade artística, encerra relevantes potencialidades formativas e/ou educativas, como, aliás, poderá atestar uma rápida revisitação da sua História, pelo menos, desde o século XVI, com os conhecidos «battledores» ou, mesmo antes, com os “hornbooks”. Na realidade, esta é uma das mais antigas ideias editoriais. Como regista Lerer (2009), os primeiros livros infantis organizam o seu conteúdo por ordem alfabética, como se pode constatar no famoso *Orbis sensualium pictus* (1658), de Comenius (1592-1670), volume no qual, por exemplo, as vozes dos animais surgem ordenadas alfabeticamente. Note-se que, em 1693, em *Some Thoughts Concerning Education*, John Locke (1632-1704) refere-se aos livros-alfabeto ou aos brinquedos com os quais se ensinam as letras como objectos de diversão, recomendando que se utilize qualquer forma de entretenimento para ensinar a criança a ler (LERER, 2009). Aliás, é o próprio Locke que, em 1703, publica *Aesop's Fables in English and Latin*, um abecedário no qual se associam letras e imagens de animais. No caso português, por exemplo, José António Gomes (1997), aludindo aos abecedários de quinhentos e juntando-os às cartilhas, regista que estes “por vezes incluíam imagens e jogos destinados a facilitar aos mais novos a aprendizagem da leitura” (GOMES, 1997, p. 6).

Ensaando, sucintamente, uma conceptualização do objecto em estudo, note-se que, na sua forma mais simplificada – e original –, os livros-abecedário, conhecidos em língua inglesa como “alphabet books” ou “ABC books”², apresentam as letras do alfabeto, fazendo-as corresponder a palavras e/ou imagens. Em certos casos, são compostos por letras maiúsculas e as correspondentes minúsculas, palavras-chave iniciadas com letras específicas ou ilustrações de palavras-chave. Podem, ainda, integrar frases ou parágrafos, de índole literária e sob uma aparência poética ou narrativa, por exemplo, ou de teor não literário. Assinale-se, ainda, a pluralidade de forma(tos) gráficos, ilustrativos e textuais, plasmada, por exemplo, em volumes visualmente muito elaborados e criativos, com jogos de ilusão óptica, com tiras ou abas para puxar³ ou levantar, com peças para encaixar, por exemplo. Como sublinha Salisbury, “Alphabet books can be as simple in concept as ‘A is for Apple’, and each artist will bring something new to design and illustration. Or they can contain hidden clues and messages.” (SALISBURY, 2004, p. 114). De facto, na contemporaneidade, temos assistido ao reforço da sugerida vertente artística.

O interesse que este objecto suscita poderá ser provado pela considerável edição⁴, ao longo dos tempos, de volumes de qualidade, assinados por autores e/ou ilustradores com importante produção literária no domínio da recepção infantil. São os casos, por exemplo, de: *A Apple Pie* (1866), de Kate Greenway (1846-1901); *The Absurd ABC* (1874), de Walter Crane (1845-1915); *The ABC Bunny*, de Wanda Gág (1893-1946), obra publicada em 1933, reconhecida com Newbery Honor; *ABC*, de Bruno Munari (1907-1998), vindo a lume em 1960; *Alligators All Around*, de Maurice Sendak (1928-2012), datado de 1962; *Dr. Seuss’s ABC*, de Theodor Seuss Geisel (1904-1991), com data de 1963; *The Alphabet Tree*, de Leo Lionni (1910-1999), publicado em 1968; *Helen Oxenbury’s ABC of Things* (1971), de Helen Oxenbury (Ipswich-UK, 1938); ou, ainda, bastante mais recentes, mas, igualmente, com assinatura reconhecida, *ABC* (2007), de Eric Carle (NY, 1929), e *Alphabet* (1996/2013), de Kveta Pacovska (Praga, 1928).

No caso da edição portuguesa, sublinhamos, desde já, a atenção criativa que o livro-abecedário, enquanto volume uno e singular – mas não apenas, porque é possível encontrar variadíssimos textos poéticos construídos a partir do alfabeto, tanto em certas formas poético-líricas da tradição oral, como de autor e integrados em colectâneas de poesia – tem merecido por parte de autores com uma obra sólida, prolífica e reconhecida, um conjunto no qual se incluem, por exemplo, Luísa Ducla Soares (Lisboa, 1939), José Jorge Letria (Cascais, 1950) ou João Pedro Mésseder (Porto, 1957).

2 Cf. “ABC books (...) were also known as Abcee, Abcie, or Absey books (‘Then comes your answer like an Absey book’, Shakespeare, *King John*, I. i), or Abecedarium” (CARPENTER; PRICHARD, 2005, p. 1).

3 “Among 20th-cent. alphabet books, one of the most popular is Robert Crowther’s movable picture book, *The Most Amazing Hide-and-Seek Alphabet Book* (1977), in which an animal hides behind each letter and is revealed when a tag is pulled.” (CARPENTER; PRICHARD, 2005, p. 3).

4 Cf. a este propósito, a lista “Best ABC Books of All-Time: Find Your Favorite Alphabet Book” disponível on line em <http://childrensbooksguide.com/alphabet> (consultado em 01/06/2015).

São precisamente de alguns dos autores nomeados as obras sobre as quais, de seguida, lançaremos um olhar mais atento e apresentaremos uma breve análise textual.

3. Análise de *corpus* textual exemplificativo

3.1. Livros-alfabeto de autoria portuguesa

Em *Alfabeto dos Bichos*, de José Jorge Letria, ilustrado por André Letria (2005), apresenta-se uma sequência de poemas ordenados, segundo as letras do alfabeto, sendo atribuído a cada letra um nome de um animal, como o título da colectânea cataforicamente propõe.

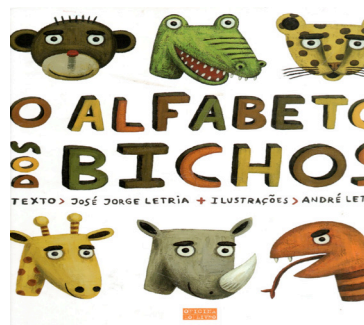


Figura 1.- Capa de *Alfabeto dos Bichos* (Fonte: acervo da autora)

Ao longo do volume, assistimos à exploração das potencialidades lúdicas da língua a partir de um discurso poético com o qual se celebra uma incursão pelo universo alfabético e também se revela um olhar atento sobre a realidade, por via da tematização de tópicos como a protecção dos animais. Veja-se, por exemplo, os textos centrados no V de veado (“É elegante e vistoso/com a pomposa armação/ que faz da sua cabeça/uma autêntica atração;/ escapando aos caçadores,/ vira os olhos para a Lua/ e lamenta numa queixa/ essa sorte que é a sua.”) e no F de Foca (“Seja no mar ou na terra/ é alegre e brincalhona/ e quando adormece ao sol/ às vezes até rressona;/ não tem perdão quem a caça/ pois é espécie protegida,/ come peixe, ama as ondas/ e lá vai, ondulando, à sua vida.”).

Cada segmento textual, disposto na página da esquerda, inicia-se com a apresentação de uma letra do alfabeto em destaque, seguida do nome do animal, e é acompanhado por uma ilustração na página da direita, na qual o ilustrador recria toda a figura ou, por vezes, partes do animal evidenciado, revelando um ponto de vista divertido ou uma visão inusitada das suas vivências e/ou das suas características físicas. Retomem-se, por exemplo, as ilustrações do polvo, uma imagem que pode ser entendida como um elogio à plasticidade dos seus múltiplos tentáculos, do jacaré onde se evidencia a sua persistência/determinação, ou do elefante retratado sob um ponto de vista peculiar.

Por último, nessa obra, servindo-se da diversão resultante da exploração das potencialidades lúdicas que encerram os sons e os sentidos, mas também de ilustrações de

contornos humorísticos, intenta-se um envolvimento mais espontâneo do leitor numa especial expedição pelo mundo dos bichos de A a Z, procurando-se, em certa medida e por vezes, aguçar também o seu espírito crítico.

Distinguindo-se pela economia verbal e pela profusão ilustrativa e diferenciando-se, em certa medida, da obra anteriormente analisada também pelo facto de recorrer a estratégias compositivas próximas da escrita visual, concreta ou experimental, *O que se vê no ABC*, de Daphne Rocha, ilustrado por Danuta Wojciechowska (2008) é um volume muito apelativo.



Figura 2.- Capa de *O que se vê no ABC* (Fonte: acervo da autora)

Com efeito, neste, as autoras tiram partido de um criativo jogo de formas, no qual as letras assumem, segundo um pressuposto de índole analógica, formas sugestivas, fantasiosas e imaginativas ou vice-versa. Esta estratégia de apreensão das formas das letras, por via da identificação de semelhanças, revela-se um mecanismo útil no ensino-aprendizagem destas. O mesmo poderá afirmar-se no próprio âmbito da educação estética e do estímulo à criatividade e à imaginação. A este respeito, repare-se nas similitudes entre a forma do B e a perspectiva sob a qual foram representadas as asas da borboleta que acompanha o segmento verbal “Bate as belas asas, borboleta!”, ou entre o halter que um menino sustém na ilustração relativa ao H e a exclamação “És o herói dos halteres!”.

Em síntese, neste volume, a componente imagética reveste-se de particular originalidade e relevância, face a uma brevidade e/ou uma concisão linguística. A contida componente textual distingue-se pela prevalência das frases curtas onde abundam aliterações (pela repetição da letra principal num grande número de palavras de cada frase, como em “Já joguei o jóquer” ou “As montanhas medem mais de mil metros”) e pelos trocadilhos fonéticos e lexicais, bem como por breves frases interrogativas com as quais se interpela directamente o leitor e se pode motivar inclusivamente a observação e a procura na ilustração daquilo que é veiculado através da palavra. Uma nota, ainda, para assinalar o facto de este álbum conter como apêndice um cartaz de alfabeto ilustrado, disposto em composição quadricular, semelhante às ilustrações do miolo, elemento que, conforme sugerido pelas autoras, se destina a ser exposto na parede do quarto.

ABZZZZ..., de Isabel Minhós Martins, ilustrado por Yara Kono (2014), oferece um discurso verbo-icónico muito estimulante.



Figura 3.- Capa de *ABZZZZ...* (Fonte: acervo da autora).

Este volume editado com a prestigiada chancela da Planeta Tangerina, seguindo a ordem do alfabeto, assenta, sobretudo, na temática da rotina do sono, tal como o próprio título sugere, apresentando em cada página uma letra acompanhada de uma série de curiosidades sobre conceitos como “hibernar” ou “bocejar”. Esta publicação propõe um modo particular de leitura que permite ao receptor alternar aleatoriamente entre as páginas sem que o objecto na sua totalidade e a apreensão global do seu conteúdo semântico sejam prejudicados. A título exemplificativo, veja-se no J de “Já chega”, “O que se diz a alguém que enche um balão sem parar? Que põe um copo debaixo da torneira e se esquece de a fechar? Que já falou, cantou, correu, brincou e perguntou muito?”.

A energia característica dos mais pequenos surge recriada, a cada página, de forma divertida pela artista Yara Kono, cujas ilustrações “ora funcionam como complemento ora como amplificação, aprofundando e desenvolvendo o próprio texto e apontando outras (diferentes, novas) possibilidades de leitura” (RAMOS, 2007, p.221).

Hoje Sinto-me... (2014), de Madalena Moniz, distingue-se pela manifesta coerência e coesão estruturais, diferenciando-se do modelo mais comum de livro-alfabeto. Como explicitam Salisbury e Styles:

From a publishing perspective, this book might be seen to break many rules for some markets, where age categories are rigidly adhered to. Most alphabet books are, of course, designed for very young readers. Placing, as it does, greater demands on the visual literacy of the reader, *Manu is Feeling...* may find its natural home in cultures where picturebooks are allowed to appeal across wider age ranges» (SALISBURY; STYLES, 2012, p. 63).

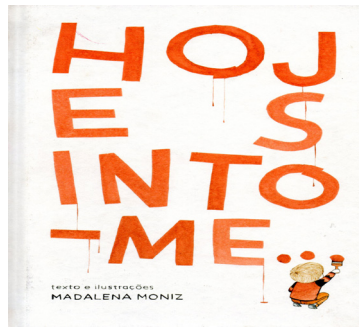


Figura 4.- Capa de *Hoje Sinto-me...* (Fonte: Acervo da autora).

O volume arquitecta-se a partir do paralelismo de construção. Cada uma das letras maiúsculas, desenhada/ilustrada com traços e cores consentâneos com os das ilustrações que a sucedem, é acompanhada de um vocábulo, regra geral, um adjectivo que, dando conta de uma característica individual, de um estado de espírito ou de um sentimento, por exemplo, completa o próprio título da obra. Esta sucessão de letras, palavras e imagens é dominada por um emissor infantil (visualmente anunciado desde a capa) que se auto-caracteriza, ora de forma mais ou menos expectável, ora de um modo absolutamente surpreendente. Releiam-se, por exemplo, os segmentos correspondentes às **letras C – “C Curioso”** – e **W – “W Wireless”**.

O alfabeto é, deste modo, ficcionalmente mobilizado, não apenas com um propósito comum (contactar, rever, consolidar o conhecimento das letras), mas também, e com mais expressão, com a expectativa de proporcionar o contacto com um Outro, com características muito possivelmente próximas do Eu-leitor. Leveza (nos sentidos/significados, na técnica ilustrativa, na composição da página, por exemplo), singularidade e sensibilidade distinguem esta obra cuja leitura poderá, além de tudo, também, servir como especial exercício de memória.

3.2 Livros-alfabeto de origem estrangeira

3.2.1 Dois clássicos: Munari e Sendak

Em 1960, Bruno Munari (1907-1998) deu à estampa o volume intitulado *ABC* (2006). Trata-se de uma obra que reflecte algumas das singularidades da obra plural deste premiado artista, designer e criador de livros para a infância. Munari, assim, propõe um contacto divertido com as letras, associando palavras e imagens de forma surpreendente.

Se a aliteração e a enumeração representam as principais estratégias de apresentação verbal de objectos, frutos, flores, animais (note-se que os elementos resgatados ao universo natural são, aqui, os mais relevantes), partes do corpo, entre outros, já a opção por uma disposição mais ou menos livre/aleatória distingue a recriação ilustrativa desses elementos, cuja ligação semântica é, quase sempre, muito ténue e, em certos casos, *nonsensical*. O volume evidencia, porém, uma unidade notável, em larga medida, resultante quer da cuidada tipografia ou da anatomia/do *design* da letra, quer da conjugação de técnicas ilustrativas, como o desenho e a fotografia

(recorte e colagem), com certas ressonâncias dos movimentos futurista e surrealista e, em certos casos, com contornos geometrizarantes, quer, muito particularmente, a partir da letra F e com a introdução do vocábulo “fly”, da presença de uma mosca que vai voando e percorrendo diversas páginas do volume, que é alvo de algumas palavras dirigidas por um emissor intratextual e que, inclusivamente, acaba por encerrar o volume. Este elemento funciona como meio de ligação entre várias páginas, estratégia que é, igualmente, concretizada a partir da presença de expressões que apenas são completadas na página seguinte, como sucede no segmento “(...) a Pea Pod for...” que finaliza, depois de voltada a página, em “a Quail”.

Bastante distinto do livro-alfabeto de Munari, é *Vida de Crocodilo Um alfabeto* (2017), de Maurice Sendak, originalmente editado em 1962, obra que ostenta um registo linguístico e ilustrativo revelador de alguns dos traços mais marcantes da produção artística do seu autor.

Construído a partir do abecedário, o texto verbal de *Vida de Crocodilo* encontra-se expressivamente articulado com divertidos “quadros visuais”, cromaticamente contidos, porque recorrem a uma paleta de cores restrita, quadros todos dominados por uma família de crocodilos. Palavras e ilustrações compõem segmentos marcados pelo humor, decorrente, em larga medida, do insólito de algumas das situações recriadas. Conciso e simples, o discurso, formulado na primeira pessoa do plural – “andamos”, “curamos”, “gozamos”, etc. – e pontuado de rimas (algumas internas, como no último dístico) e de algumas frases exclamativas (“Yes! Ganhámos o campeonato!”), dá conta ou narra, de forma fragmentária e episódica, as vivências de uma família de crocodilos. Além disso, todos os segmentos textuais são ainda sustentados pela repetição fonética, ora aliterativa ora assonântica, celebrando-se, assim, um estimulante jogo de sons que, em muito, favorece a memorização. São, com efeito, momentos narrativos de um quotidiano protagonizado por crocodilos, que passeiam, se constipam, brincam com balões, são vaidosos, ganham campeonatos, entre outros, animais personificados que testemunham exemplarmente o peculiar espírito do autor também de *Onde Vivem os Monstros* (1963).

3.2.2 Dois contemporâneos: Blake e Jeffers

O *ABC* (2012), escrito e ilustrado por Quentin Blake, e originalmente editado no final da década de 80 do século XX (1989), distingue-se como um atractivo exercício poético e ilustrativo. Com uma estrutura visual que é replicada página após página, a obra apresenta 26 sequências rimadas, em clave cómica, organizadas segundo o alfabeto e, portanto, evidenciando ecos de certas rimas infantis nas quais se observa uma construção similar.

Assim, a inscrição de cada uma das letras (em maiúscula e em minúscula) é seguida de uma ilustração profusa e/ou extensa, composta a aguarela, um conjunto de pequenas imagens delineadas a preto e sempre pontuadas de um humor irreverente. A cada um destes segmentos visuais juntam-se dísticos sucessivos. A principal originalidade da composição poética de Blake – e note-se que este volume deve ser entendido como um álbum poético (SILVA, 2010) pelo

facto de se observar uma distribuição de um conjunto de versos pela totalidade do volume e de estes se relacionarem intersemioticamente com o discurso visual – reside na articulação que se celebra entre conjuntos verbo-icónicos formados por duas letras sucessivas. Por outras palavras, os versos dedicados a uma letra rimam com os versos centrados na letra seguinte, como se observa, por exemplo, em “A is for Apples, / some green and some red // B is for breakfast we’re having in bed”. De notar que tanto do discurso verbal, como do discurso visual sobressaem notações de teor *nonsensical* que, sustentando o cómico (de carácter ou de situação), muito envolvem o receptor no contacto com a obra e na sua leitura fruitiva.

Oliver Jeffers, um dos mais reconhecidos ilustradores da actualidade, é o autor de *Era uma Vez um Alfabeto*, obra subintitulada *Pequenas histórias com todas as letras* (2016), um volume que, além de exibir uma dimensão extensa, se diferencia pela cuidadosa composição visual, profundamente associada ao discurso verbal ou narrativo que, ao longo de 26 sequências (como as 26 letras do alfabeto), se vai apresentando em forma de micronarrativa.

A cada pequena narrativa é anteposta uma imagem de cada uma das letras, quase sempre seguida de uma palavra ou de uma expressão breve que, com ela, se relaciona/principia. Trata-se de um exercício criativo que supera o mero anúncio da letra e da palavra, *per si*, e que se detem em construções ficcionais, não raras vezes, marcadas pelo humor. Curiosos são os diversos diálogos intertextuais que, tanto no discurso verbal, como no discurso visual, e quer dentro da obra em análise, quer com outros volumes do mesmo autor, se vão percebendo. Se uns ecos são mais subtis – como a vontade do Astronauta Edmundo que, na verdade, não deixa de se aproximar do protagonista do volume *Sobe e Desce* (2012) ou, ainda, no caso do segmento dedicado à letra O, da presença visual das personagens de *Perdido e Achado* (2010), no momento em que navegam rumo ao Pólo Sul–, outros são mais visíveis, como sucede com as referências a personagens que marcam presença em textos distintos. Veja-se o caso dos primeiro (letra A) e último (letra Z) micro-contos ou dos que partem das letras O, S e X, estes três com a participação do mocho e do polvo. Um apontamento, ainda, para assinalar a frequente configuração *nonsensical* das narrativas de Jeffers, como se observa, por exemplo, nos textos que partem da letra L e da expressão “A Luz do lenhador” e da letra W e do vocábulo “wattgirafa”.

3.2.3 (Apenas) quatro exemplos de livros-objecto

O premiado⁵ volume *ABCD* (2008), de Marion Bataille⁶, exemplifica um dos percursos de reinvenção de que tem sido alvo, com alguma assiduidade, o livro-alfabeto na última década.

⁵ *ABCD* foi galardoado com os Prémios “Plus Beau Livre Français” e “Megendorfer” Prize, nos Estados Unidos da América.

⁶ A origem deste livro de Marion Bataille remonta a 2006 e à auto-edição – de apenas 30 exemplares – de *Op-Up*, obra distribuída pela associação *Les Trois Ourses*.

Trata-se de uma reconfiguração em formato de livro-objecto, neste caso e essencialmente a partir da estratégia *pop-up*, aplicada sucessivamente a cada uma das letras do abecedário que passam, assim, a ser objectos pontuados por uma especial energia cinética. Tirando partido da “costura” ou das dobras das páginas, em concreto de cada sequência de dupla de páginas, e arquitectando-se formas sucessivas a partir de dobragens paralelas, por exemplo, de 90° ou de 180°, de caixas abertas, de estruturas em coluna (CARTER; DIAZ, 2009), entre outras, cada uma das letras do alfabeto vai ganhando diversamente volume/forma e movimento. Ao *pop-up*, juntam-se, ainda, outros mecanismos gráficos, como o recurso a papéis transparentes e destinados à sobreposição (como com as letras O e P que, depois de cobertas com uma página de papel transparente, se transformam em Q e R) ou papel prateado que, colocado junto à letra V, permite visualizar um W.

Assim, dobragens, recortes, colagens e reflexos, resultando em tridimensionalidade, movimento e transformação, funcionam como importantes meios gráficos de aproximação física das letras da visão e do entendimento do potencial receptor que, com toda a certeza, seguirá o impulso de abrir e voltar a abrir o livro-alfabeto de Bataille. Destituída de palavras, a obra pauta-se, assim, pela inovação assente essencialmente num esquema cromático contido, mas eficaz (vermelho, preto e branco), e num astuto jogo de formas que cria um efeito surpresa (TREBBI, 2012) e prende a atenção do leitor.

Ainda que de forma distinta, o *ABC das palavras*, de Fanny Perret (2014) convida também a participar num jogo, sendo o leitor estimulado a explorar as letras por via da manipulação física/directa de caracteres destacáveis em cada página da direita. Com estas “peças”, o destinatário extratextual poderá formar/iniciar palavras, semelhantes às listadas na página da esquerda. Ainda, ao fundo desta última, surge um pequeno texto que apresenta este universo ao leitor. No final deste volume, a totalidade das letras do alfabeto é reunida numa dupla página, permitindo uma visão mais completa do que anteriormente foi sequencialmente disposto. Esta proposta da editora Edicare, assente numa lógica de enumeração e apresentando os seus fragmentos textuais dispostos num sistema de acumulação sequencial de índole alfabética, distingue-se, igualmente, pela mobilização de técnicas como o recorte e o destaque de peças, como sucede habitualmente em certas categorias do livro-brinquedo, como os livros-puzzle ou os livros de encaixes, por exemplo.

ABC-Book, de Xavier Deneux (2016), originalmente publicado, em 2014, com o título *L'abécédaire gigogne*, é um “imagiário”, na acepção de Duran (2002), um abecedário visual em inglês que inclui o equivalente em castelhano de cada uma das palavras associadas a cada uma das letras. Trata-se de uma obra volumosa e robusta, composta num papel grosso e muito resistente, permitindo, assim, o manuseio seguro e autónomo por parte do potencial receptor. Note-se, porém, que, sendo um volume pesado, o pequeno leitor terá de o manipular ou ler numa posição estável e confortável.

Desenhada a partir de formas simples – aliás, a simplicidade gráfica é uma das marcas das criações plásticas de Xavier Deneux – e quase sempre geométricas e recorrendo a tons fortes, vivos e contrastantes, a obra integra, em cada dupla página, espaços recortados ou formas “escavadas”, nos quais cada uma das letras, colocadas em relevo, acaba por “cair” ou encaixar, sempre que se folheia ou passa a página. Os relevos e os orifícios convidam ao toque e à percepção multissensorial (ou seja, não apenas através da visão, mas também do tacto), de cada uma das letras do alfabeto. Este livro-alfabeto é, por conseguinte, um livro tátil (explorar com as pontas dos dedos é aqui um dos desafios propostos), que coloca o leitor perante as 26 letras do alfabeto, recriadas imaginativamente a partir da inventividade de formas, ou seja, associa-se a silhueta de uma letra à de um animal, um objecto, um espaço ou uma paisagem.

Abécédaire (2016), de Pascale Estellon, autora também do volume já editado em Portugal *Caderno de Pintura para Aprender as Cores* (2011), é um objecto que suscita em forte impacto visual.

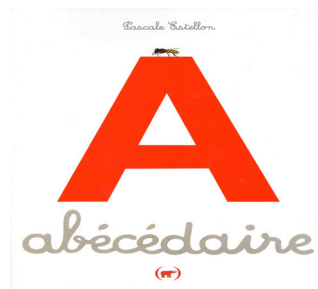


Figura 5.- Capa de *Abécédaire* (Fonte: Acervo da autora).

Trata-se, com efeito, de um livro-acordeão ou concertina, desdobrável, que possibilita uma leitura contínua, principiada com a letra A até à M e seguida, depois, da letra N até à Z. O volume mostra uma sucessão imagética, impressa num friso de papel considerável/extenso, criando, assim, um panorama visual que se apresenta dobrado, estratégia gráfica que instaura, necessariamente, uma alteração das condições habituais de legibilidade, atendendo à longitude do objecto. Cada uma das letras (minúscula e maiúscula) é revelada a partir de uma paleta de cores variada, numa fonte tipográfica preenchida, sem serifa, seguida, quase sempre, de três palavras, principiadas com a letra inicialmente avançada, surgindo escritas em estilo caligráfico/manuscrito e em letra de imprensa (minúscula). Dominado pelas formas extensas e coloridas em tons fortes e vibrantes, este preenchido imagiário prende, ainda, à atenção do destinatário e estimula a curiosidade pelos mecanismos gráficos que mobiliza, designadamente *pop-ups* (como nas letras I e R) e *lift-the-flap*, neste último caso, um conjunto de pedaços de papel que, levantados, desvendam e acrescentam novos elementos ou pormenores surpreendentes a cada um dos episódios recriados/inspirados na letra tratada. A título exemplificativo, retome-se o caso das representações de frutos como o ananás e a laranja, cujo interior é revelado, depois de levantada da aba de papel que parcialmente os cobre. O mesmo poderá ser constatado

relativamente à letra P e à boneca russa (“poupées russes”), bem como ao T e ao girassol (“tournesols”), por exemplo.

4. Considerações finais

As publicações aqui revisitadas permitem concluir que o livro-alfabeto se tem vindo a destacar como um objecto que tem trilhado caminhos muito atractivos. Alvo de experimentalismo, nele plasmam-se características como a mutabilidade genológica, o hibridismo, o dialogismo, o questionamento e a implicação do leitor na construção do sentido ou a interactividade e a ludicidade, tornando-se, aliás, em certos casos, muito próximo do brinquedo e do artefacto.

Em termos gerais, nos volumes analisados, a componente imagética ocupa significativamente maior espaço do que a linguagem verbal. Podemos constatar, ainda, que se trata quase sempre – regra geral, com a excepção dos casos de livros-alfabeto com uma componente literária ou de índole narrativa ou poética – de uma interacção simétrica (conceito análogo à *répétition* de Van der Linden (2008)), pois palavra e imagem redundam, repetindo, simultaneamente, a mesma informação. Desta forma, é comum depararmo-nos com elementos ou figuras mencionadas no registo verbal são visualmente recriadas, assim, convergindo. Esta estratégia afigura-se particularmente adequada aos pré-leitores, potenciais receptores do livro-alfabetário, dado que, numa primeira fase da aprendizagem da leitura, a interdependência entre a linguagem falada e a compreensão da leitura ainda não é uma constante (CARVALHO; TOMÉ, 2014).

O livro-alfabeto, ainda que, tradicionalmente, conotado com uma vertente didáctica/pedagógica (que no, século XXI tem vindo a esbater-se), actualmente, envolve, também, outros conceitos ou sugestões, designadamente no domínio dos vectores ideotemáticos (como a defesa dos animais, por exemplo, visível em *O Alfabeto dos Bichos*, de José Jorge Letria). Observa-se, pois, a existência de abecedários temáticos que, além da função alfabetizadora, possuem uma função lúdica e estética. Dada a profusão imagética e a presença de um texto curto, o livro-alfabeto revela-se um instrumento útil, encorajando a criança explicita ou implicitamente ao contacto precoce com a dimensão artística que caracteriza este tipo de publicações. O contacto com uma variedade textual (verbal e plástica) de livros-alfabeto permite ampliar horizontes, estimular novas imagens e, conseqüentemente, desenvolver a imaginação dos potenciais receptores. Como lembra Teresa Duran (1998), a leitura passa por três processos, a saber: a identificação (ou individualização do signo dos restantes estímulos visuais), o reconhecimento (projectão da experiência significativa) e a imaginação (combinação que permite relacionar factores da realidade com produtos da fantasia, obtendo-se novos resultados simbolicamente significativos); e os livros-alfabeto, pelas razões que vimos de expor, são livros que possibilitam este percurso também muito pela inovação múltipla: vocabulário, relação palavra-imagem, formato, material, etc.

Em síntese, o livro-alfabeto, objecto com uma longa História editorial, na qual se constata um compromisso entre tradição e inovação, tem vindo a reinventar-se e a assumir uma estimulante pluralidade de formas, encerrando potencialidades fundamentais ao nível da leitura, da literatura e da arte, em geral, e requerendo, portanto, elevadas habilidades lecto-literárias.

REFERÊNCIAS

Bibliografia activa:

BATAILLE, Marion. **ABCD**. Barcelona: Editorial Kókinos, 2008.

BLAKE, Quentin. **ABC**. 2.ed.. London: Red Fox, 2012.

ESTELLON, Pascale. **Abécédaire**. Paris: Editions des Grandes Personnes, 2016.

DENEUX, Xavier. **ABC**. Barcelona: Combel, 2016.

JEFFERS, Oliver. **Era Uma Vez Um Alfabeto**. Lisboa: Orfeu Negro, 2016.

LETRIA, José Jorge. **O Alfabeto dos Bichos**. [ilustrações de André Letria]. Cruz Quebrada: Oficina do Livro, 2005.

MARTINS, Isabel Minhós. **ABZZZZ....** [ilustrações de Yara Kono]. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2014.

MONIZ, Madalena. **Hoje Sinto-me....** Lisboa: Orfeu Negro, 2014.

MUNARI, Bruno. **ABC**. San Francisco-Califórnia: Chronicle Books, 2006.

PERRET, Fanny. **ABC das Palavras**. Lisboa: Edicare, 2014.

ROCHA, Daphne; WOJCIECHOWSKA, Danuta. **O que se vê no ABC**. Lisboa: Caminho, 2008.

SENDAK, Maurice. **Vida de Crocodilo. Um Alfabeto**. Matosinhos: Kalandraka, 2017.

Bibliografia passiva:

CARLSON, Ann (s./d.). Concept books and young children. Disponível em:<<http://comminfo.rutgers.edu/professional-development/childlit/books/CARLSON.pdf>> Acesso em: 12 de Julho de 2016.

CARPENTER, Humphrey; PRICHARD, Mari. **The Oxford Companion to Children's Literature**. Oxford/NY: Oxford University Press, 2004.

CARTER, David A. e DIAZ, James. **Los Elementos del Pop-Up**. Barcelona: Combel Editorial, 2009.

CARVALHO, Anabela; TOMÉ, Maria da Conceição. O desafio de formar leitores competentes. In: VIANA, Fernanda Leopoldina; RIBEIRO, Iolanda; BAPTISTA, Adriana (coord.). **Ler para ser. Os caminhos antes, durante e... depois de aprender a ler**. Coimbra: Edições Almedina, 2014. p. 237-275.

DURAN, Teresa. Del abecedario al álbum ilustrado. **Cuadernos de Literatura Infantil y Juvenil – CLIJ**. Barcelona, Fontalba, p. 19-25, Abril de 1998.

DURAN, Teresa. **Leer antes de ler**. Madrid: Anaya, 2002.

GOMES, José António. **Para uma história da literatura portuguesa para a infância e para a juventude**. Lisboa: IPLB-MC, 1997.

LERER, Seth. **La magia de los libros infantiles**. Barcelona: Ares y Mares, 2009.

RAMOS, Ana Margarida. **Livros de Palmo e Meio. reflexões sobre literatura para a infância**. Lisboa: Caminho, 2007.

SANJUÁN, Marta. Los abecedarios ilustrados como “artefactos” estéticos y literarios: aproximación a su poética. **Ocnos. Revista de estudios sobre lectura**, nº 14, p. 42-64, 2015.

SALISBURY, Martin. **Illustrating children’s books. Creating pictures for publication**. NY: Barron’s, 2004.

SALISBURY, Martin; STYLES, Morag. **Children’s picturebooks. The art of visual storytelling**. London: Laurence King, 2012.

SILVA, Sara Reis da. Ilustração e poesia: para uma definição/caracterização do álbum poético para a infância. GONZÁLEZ, Reyes; MOLEÓN VIANA, M. A. & GONZÁLEZ CASTRO, M. (ed.). **Actas del I congreso internacional de arte, ilustración y cultura visual en educación infantil y primaria: construcción de identidades**. Granada: Universidad de Granada, p. 565-570, 2010.

TREBBI, Jean-Charles. **The art of pop-up: the magical world of three-dimensional books**. Barcelona: PromoPress, 2012.

VAN DER LINDEN, Sophie. **Lire l’ Album**. Le Puy-en-Velay: L’atelier du poisson soluble, 2008.

VIANA, Fernanda Leopoldina; RIBEIRO, Iolanda; BAPTISTA, Adriana (coord.). **Ler para ser. Os caminhos antes, durante e... depois de aprender a ler**. Coimbra: Edições Almedina, 2014.

WHITEHURST, Grover; LONIGAN, Christopher. Child development and emergent literacy. **Child Development**, v. 69, n. 3, p. 848-872, 1988.

WHITEHURST, G.; LONIGAN, C.. Emergent literacy: development from pre-readers. In: NEUMAN, Susan B.; DICKINSON, David K. (ed.). **Handbook of early literacy research**. London: Guilford Press, 2001. p. 11-29.

ZEECE, Pauline Davey. ABC and 123: alphabet and counting books. **Early Childhood Education Journal**. v. 23, n. 3, p. 159-162, 1996.